

EM BUSCA



A família de Genivaldo de Santana deixa Irecê em direção a Brasília, trazendo o sonho de comprar uma casa com o dinheiro da venda de tudo que tinha e ganhar a vida como camêlo

Irecê (BA) — Nem a chuva que pôs fim a sete meses de seca no sertão baiano convenceu o lavrador a ficar. As nuvens cinzentas no céu da pequena Irecê ainda anunciavam mais chuva quando Genivaldo de Santana, 35 anos, a mulher e as três filhas entraram no ônibus rumo a Brasília. Venderam tudo que tinham — a casinha de adobe (espécie de tijolo) e um pedaço de chão seco. Com os R\$ 7 mil apurados, o ex-plantador de feijão, milho e mamona faz planos de comprar um barraco em Ceilândia e roupas para começar a vida como camêlo.

É difícil o dia em que não haja gente abandonando o sertão em Irecê. A prefeitura municipal não dispõe de números, mas a migração pode ser medida por todos os cantos na cidade e nos 12 povoados ao redor. Sempre tem alguém para contar a aventura que fez pela capital federal ou do parente e amigo que moram lá. São histórias de gente sofrida, sem emprego nem comida na despensa, que foge da seca em busca de um lugar onde possa trabalhar. E Brasília aparece sempre como eldorado.

Pela segunda vez, Genivaldo escolhe Brasília. Numa seca brava que castigou a região, o sertanejo abandonou a terrinha para tentar vida melhor na capital. Foi em 1996. Onze meses depois estava de volta à Irecê. Não que não tenha gostado da cidade. Gostar, gostou demais, mas o amor ao sertão era mais forte. Bastou a chuva pingar na terra rachada para o sertanejo se encher de esperança novamente.

Plantou a roça três vezes. Nas três vezes perdeu toda a lavoura de feijão. A chuva ingrata foi embora antes da hora. Por isso, não se impressiona mais com as promessas do céu. Deixa a pequena Irecê, debaixo de chuva, sem remorso. A esperança agora está na passagem para Brasília que ele agarra com as mãos calçadas pela enxada e guarda cuidadosamente na carteira de couro preto, surrada.

“Aqui a gente passa fome, moça. Lá, em Brasília, pelo menos dá pra ganhar dinheiro”, diz o sertanejo que abre um sorriso nervoso e enche os olhos e o peito de felicidade. “A sorte é Deus quem dá. Mas a gente tem

de procurar o caminho, né?” Certos de que a viagem de 1.179 km até Brasília é o caminho certo, a família encaixotou panelas velhas, roupas e tudo mais que caberia no bagageiro do ônibus.

Foram 14 caixas de papelão, sem contar o colchão de espuma do casal, as duas bicicletas e a cadeirinha cor-de-rosa da filha caçula — Daniela, de 7 anos. Ao todo, 20 etiquetas que, pacientemente, o motorista da Viação Emtram foi pregando nos volumes. “É normal isso. Sempre tem gente indo tentar a vida em Brasília”, conta Geraldo Cardoso, 34 anos. Da rodoviária da pequena cidade, de 54 mil habitantes, saem quatro ônibus

diariamente rumo a Brasília.

Foi em um desses ônibus, às 13 h da sexta-feira, dia 24, que embarcou Genivaldo e a família. Gastou R\$ 216. Comprou quatro cadeiras e economizou os R\$ 54 da quinta, onde deveria ir a caçula das meninas. Daniela, de 7 anos, revesou-se no colo dos pais. A mulher, Marizete José de Matos, 29, fez a viagem calada. Tímida, mal levantava os olhos para olhar para as outras pessoas que seguiam viagem com ela. “Estou triste. A gente deixa muito amigo pra trás”, arrisca em um dos seus raros desaba-fos.

O marido é mais falante. Seguiu a viagem feliz. Era só entu-

siasmo. Mas bastou sair do ônibus e pisar no chão da capital para o sonho do ex-plantador de feijão, milho e mamona começar a se desfazer. Eram 6h da manhã e ainda estava escuro. Ninguém os esperava. O sertanejo largou a família na beira da pista, em Sobradinho, e saiu, sem rumo, atrás do frete.

O motorista do ônibus foi quem deu a dica para que não descessem na rodoferrviária. Ficaria mais barato arrumar o carro do frete em Sobradinho, já que iriam para Planaltina, morar de favor por uns tempos na casa de uns parentes da mulher. Ainda assim o preço cobrado saltou aos olhos de Genivaldo. Para ele, R\$ 35 é dinheiro custoso de ganhar nas roças de Irecê. Não pechinhou, mas tirou com dó as notas da carteira.

Para piorar, o endereço escrito no papel, que ele não saber ler, fica no bairro Arapoanga, na periferia de Planaltina. Mas era o endereço errado. De uns conhecidos dos parentes da mulher. Só mais tarde entendeu a troca de endereço. É que o barraco de madeirite, na rua sem asfalto — onde moram Cláudia, Ivan e o filho deles, Jefferson, de 4 anos — era ainda mais difícil de achar.

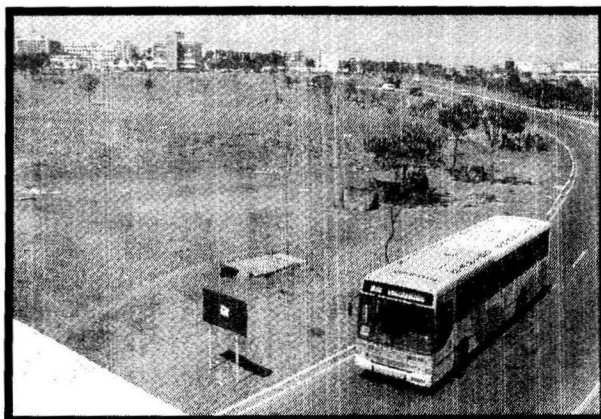
A dica dos conhecidos foi boa. A C-10 que leva toda a mudança dos baianos dá mais umas voltas pelas ruas esburacadas e chega. O motorista da camionete foi camarada e não cobrou nem um centavo a mais. As 14 caixas não cabem no barraco pequeno da sobrinha da mulher. Ficam amontoadas num



Em Brasília, a família de Genivaldo de Santana viu que as dificuldades começaram na primeira semana

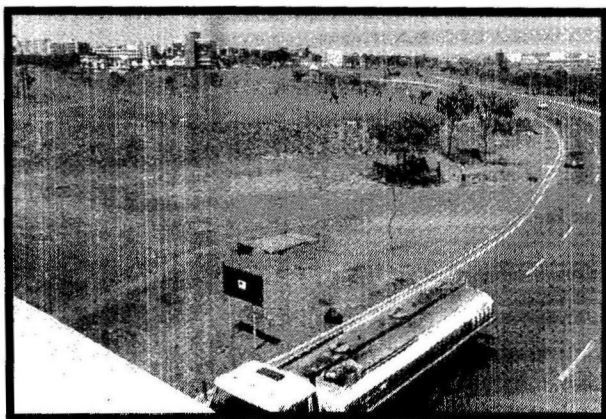
PRIMEIRA PARADA

Quase todos os dias os fiscais do Serviço de Proteção ao Solo (Siviso) passam pelos mesmos locais para desmontar as mais do que provisórias barracas montadas por migrantes que acabam de chegar ao Distrito Federal. Quem vem da Bahia, como os sertanejos de Irecê, quase sempre faz uma parada na ponte do Bragueto, no final do Eixo Norte. O local é estratégico. Vários brasilienses passam de carro pelo local e deixam roupas e mantimentos para quem chega.



SEGUNDA

As barracas de lona preta são montadas de forma precária. Os invasores sabem que os fiscais vão aparecer e desenvolveram uma técnica para que o prejuízo seja o menor possível: um buraco tapado por algumas tábuas que serve de esconderijo para as lonas pretas.



TERÇA

Nem todos os invasores voltam. Depois que conseguem uma boa quantidade de esmolas — comida e roupas, principalmente — eles se mudam. Ou para uma invasão mais escondida dos fiscais ou mesmo voltam para a cidade de onde vieram, com os novos pertences.